

Desemprego maior na classe média

Pesquisa mostra que 53% das pessoas sem trabalho no país estudaram ao menos até o começo do segundo grau

NICE DE PAULA

O desemprego que assusta o país está concentrado nas metrópoles e atinge de forma mais intensa trabalhadores que estudaram pelo menos até o começo do segundo grau. Pesquisa do economista e secretário municipal de Trabalho de São Paulo, Marcio Pochmann, mostra que 53% dos 5,9 milhões de brasileiros que foram lançados às filas do desemprego entre os anos de 1989 e 2001 tinham pelo menos nove anos de estudo. Já os trabalhadores sem instrução representaram 5% do contingente.

Uma das razões, segundo Pochmann, é que o Brasil só foi capaz de gerar empregos que exigiam baixa qualificação. Nesse período, o número de pessoas sem trabalho no país saltou de 1,9 milhão para 7,8 milhões.

O estudo se baseia na Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (Pnad), do IBGE, de 2001, último dado sobre desemprego que cobre todo o país. E ajuda a entender

fenômenos que chamam a atenção do país, como as 131 mil pessoas que se acotovelaram em busca de uma chance de ser gari no Rio de Janeiro, para receber salário de R\$ 600 por mês. Muitas com diploma universitário.

— O cenário do mercado de trabalho não se alterou muito desde 2001. O fato de haver muitas pessoas com boa formação buscando vagas em funções mais simples faz com que as empresas aumentem o requisito de escolaridade, sem que isso tenha a ver com o conteúdo do trabalho que será realizado — diz Pochmann.

O chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Néri, explica que o desemprego é mais forte entre pessoas de faixas intermediárias de idade e formação escolar.

— Desemprego no Brasil não é um mal de pobre, simplesmente porque pobre não pode se dar ao luxo de ficar desem-

pregado. Ele cai na informalidade, vai para o trabalho precário e, de alguma forma, é considerado ocupado e sai das estatísticas de desemprego.

Por isso, o economista da FGV defende a importância de estender o olhar para além do percentual de desempregados.

— Apesar de toda a ênfase que a gente dá ao desemprego, à classe média empobrecida, é importante considerar a qualidade do emprego, a pobreza das pessoas que trabalham a jornada inteira e não ganham o suficiente para sustentar suas famílias. Basta notar que 58% dos miseráveis brasileiros estão em famílias chefiadas por trabalhadores informais — diz.

Entre as vagas abertas nos anos 90, o trabalho formal foi artigo raro. De acordo com o estudo de Pochmann, apenas 24% dos empregos criados tinham registro em carteira. A maioria das ocupações foram

para autônomos, domésticos e outros profissionais que prestam serviços nas residências sem contrato fixo.

A queda da renda que trava o crescimento do país e asfixia o orçamento das famílias também pode ser identificada no mapeamento do pesquisador. Ele contabiliza a criação de quase 20 milhões de empregos com salários de até dois mínimos (R\$ 480) e extinção de outras 8 milhões de vagas que pagavam mais. A jornada de trabalho também ficou menor: 91% das ocupações foram para carga inferior a 40 horas.

— Mudar esse cenário depende de crescimento econômico, com distribuição de renda e avanço da escolaridade — diz Pochmann.

Néri destaca a educação como importante forma de melhorar a qualidade do emprego e reduzir a desigualdade.

— Basta ver que o salário médio de um analfabeto é de R\$ 100 e o de quem tem nível universitário é de R\$ 2,5 mil.

nic@jb.com.br

RADIOGRAFIA DO MERCADO DE TRABALHO

Entre 1989 a 2001 o número de desempregados pulou de

1,9 milhão para 7,8 milhões

1,5 milhão

de novos trabalhadores entraram no mercado por ano, mas um milhão deles não conseguiu emprego

DESEMPREGADOS (EM MIL)	
Sem instrução	312,2
1 a 4 anos de estudo	732,4
5 a 8 anos de estudo	1.737,4
9 anos ou mais	3.125
TOTAL	5.907

■ 53% dos 5,9 milhões de novos desempregados que o país ganhou nesse período estudaram pelo menos até o 2º grau

■ Apenas 5% deles eram trabalhadores sem instrução

■ Foram criadas 19,5 milhões de vagas de até dois mínimos e extintos 7,7 milhões de empregos de salários maiores

■ 76% das vagas abertas foram sem carteira assinada e 91% para jornadas inferiores a 40 horas semanais

■ O emprego cresceu nos setores de comércio e serviços e calu na agropecuária. A indústria criou 550 mil novas vagas no período.

■ A produtividade da indústria cresceu 56,5%, mas a renda média dos trabalhadores ficou 31% menor

■ A maioria das ocupações foram para trabalhadores domésticos, autônomos e empregadores

Fonte: Marcio Pochmann com base de dados do IBGE